

01

**POÉTICAS DO MAL –
A LITERATURA DO MEDO NO BRASIL (1840-1920).
JÚLIO FRANÇA (ORG.). 2017.**

Enéias Tavares (UFSM)

Recebido em 10 set 2018.
Aprovado em 23 out 2018.

Enéias Tavares é professor de Literatura Clássica na Universidade Federal de Santa Maria, onde orienta trabalhos de pós-graduação sobre literatura fantástica e ministra a disciplina Escrita de Ficção. É pesquisador do Laboratório Corpus e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, além de ser um dos coordenadores de projeto do Espaço Multidisciplinar da UFSM Silveira Martins. Integra também o GT da ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional” e o Grupo de Pesquisa “Nós do Insólito: Vertentes da Ficção, da Teoria e da Crítica”, grupo certificado pela UERJ junto ao Diretório de Grupos do CNPq. De ficção, publicou pela editora LeYa *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison*, primeiro volume de *Brasileira Steampunk*, e pela editora Avec publicou *Guanabara Real – A Alcova da Morte*. De crítica, organizou ao lado de Gisele Biancalana e Mariane Magno dois volumes de *Discursos do Corpo na Arte* (Editora da UFSM, 2014 e 2017). Junto de Bruno Matangrano, é também o responsável pela exposição “Fantástico Brasileiro”, exposição que compreende uma história da literatura fantástica brasileira desde o século XIX até a contemporaneidade e que se tornou livro em 2018 pela editora Arte & Letra.

O medo nos afugenta. O medo nos protege. O medo nos assola. O medo nos fascina. Desde Homero e seus reinos infernais, acessíveis apenas através de bruxas que transformam homens em porcos, passando pelos horrores romanos e cristãos, fossem eles bárbaros ou demoníacos, até o advento da nossa tardia modernidade – e seus perigos tecnológicos e industriais –, nosso interesse nas representações do medo é traço comum da nossa arte e cultura. O medo está no cinema, nos quadrinhos, no imaginário ocidental, inscrito em nossos genes biológicos e em nossos *memes* psicológicos. O medo do passado. O medo do futuro.



As vertentes literárias de terror mapeiam como poucas artes as fugidias estruturas da nossa ansiedade e do nosso desespero, não raros definidos a partir da ideia de “mal”, traços de uma temeridade que protege nossos corpos e nossas sensibilidades. Mas como o medo se apresenta em termos narrativos? Como se constrói ficcionalmente? Quais seus traços definidores e seus elementos mais ilustrativos? De quais modos o “medo” e o “mal” se confundem, se aproximam ou se afastam no imaginário e na arte? Qual é o percurso da narrativa do “medo” e das ideias de “mal” ou “malignidade” na literatura brasileira? Responder a essas perguntas e a outras tantas é o objetivo dos autores de *Poéticas do Mal – A Literatura do Medo no Brasil (1840-1920)*, instigante coletânea crítica organizada por Júlio França e editada pela Bonecker em 2017.

A razão do elogio se dá pela proposta da obra. Diferente de outras coletâneas críticas em que cada autor escolhe um tema, autor e obra e oferta ao leitor uma análise que não necessariamente mantém relação com outros ensaios, *Poéticas do Mal* se apresenta como uma proposta historiográfica, cujo recorte temporal está anunciado já no título, dependendo, porém, de diversos autores para contar essa história sob diferentes perspectivas. Assim, mantêm-se os temas tradicionais, ao mesmo tempo em que se propõe uma jornada pela história da nossa literatura brasileira e uma discussão sobre como os temas do mal e do medo nela se configuram.

O volume se abre com um Prefácio, assinado pelo professor da UFMG Julio Jeha, cujo objetivo é detalhar a produção do organizador da obra no contexto de sua carreira acadêmica. Pesquisador e professor da UERJ, bem como integrante ativo do grupo de pesquisa “Nós do Insólito: Vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, certificado pela UERJ junto do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, Júlio França tem estudado o medo e o mal ficcional por mais de uma década. Seus eventos, publicações e orientações exemplificam e acabam por definir o aparato teórico e também o recorte crítico da obra.

Flavio García, que assina a Apresentação do volume, resume esse recorte dos dois termos-chave para o estudo: “O *medo* é apontado por alguns teóricos, dentre os quais Irène Besière, como relação de causa e efeito essencial ao fantástico. O *mal* é visto por outros, dentre os quais Filipe Furtado, como predicativo necessário ao sobre ou extranatural que se manifesta como vilão na ficção fantástica” (2017, p.10, destaque nosso). Em suma, a formulação de García aproxima os eixos ficcionais do medo e do mal à produção do

fantástico em si, o que, sob um certo aspecto, norteará a discussão do volume. Ora, se a ideia do mal e do medo muitas vezes lança mão de um recurso sobrenatural ou de uma determinada suspensão da crença em uma realidade empírica dada, essa aproximação do fantástico se faz não apenas coerente como necessária.

O próprio organizador da obra assina seus dois primeiros capítulos. No primeiro, “Introdução”, temos um apanhado crítico e historiográfico que se debruça sobre as diversas poéticas do gótico, tanto europeu quanto brasileiro, culminando numa reflexão sobre as formas góticas em nossa literatura, passando por nomes como Álvares de Azevedo, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Rodolfo Teófilo, entre outros. No término do capítulo, França define o escopo da obra, afirmando que ela

propõe subsídios para uma teoria e para uma história do medo artístico na narrativa ficcional brasileira por meio do levantamento e da análise crítica dos diversos modos de representação e da produção do medo em nossa literatura – tanto aquele cuja origem se encontra em causas ‘realistas’, como a violência social, a crueldade humana ou o poder da natureza, quanto aquele cuja origem se encontra em causas ‘fantásticas’, como as diversas manifestações de crenças e eventos sobrenaturais em nossa ficção (2017, p.34).

No capítulo seguinte, “Medo e literatura”, também assinado por França, o mapeamento da ficção que retrata o medo parte de Homero, passa pela Bíblia e pelo imaginário apocalíptico, pelo *locus horribilis* medieval, cujo grande exemplo é Dante, até chegar aos perigos do mundo real, citando os cunhos moralistas e pedagógicos de contos populares como “Chapeuzinho Vermelho”. O capítulo

termina com uma reflexão mais ampla sobre os efeitos e sentidos do medo no ocidente, tanto em seus aspectos negativos quanto positivos, culminando na sua interpretação da filosofia de Burke e da psicanálise de Freud.

Se esses primeiros dois capítulos servem de base conceitual e também cultural para diferentes poéticas e compreensões sobre o medo e o mal, o capítulo seguinte mergulha na primeira análise temática do compêndio. Nele, intitulado “Gótico e escrita feminina”, assinado por Ana Paula Araujo dos Santos, analisa-se o terror na literatura nos séculos XVI e XVII em relação à estética gótica, até chegar a suas expressões de autoria feminina. O capítulo termina com uma importante análise sobre a temática no contexto brasileiro, destacando nomes como os de Maria Firmino dos Reis, Ana Luísa de Azevedo e Castro e Emília Freitas, autoras ainda pouco conhecidas do público nacional, dado sua ausência nos manuais literários e compêndios críticos tradicionais.

No quarto capítulo, “Sublime terrível e romantismo”, assinado por João Pedro Bellas, há inicialmente um apanhado sobre o problema do Sublime em Edmund Burke para então dedicar-se ao tema no que tange à criação de espaços ficcionais terríveis. Após analisar casos do romantismo inglês, Bellas discute o tema na tradição romântica brasileira, assinalando os casos de *O Guarani* e *O Sertanejo*, ambos de Alencar, de *Noite da Taverna*, de Azevedo, e dos contos de Fagundes Varela. No capítulo cinco, “Gótico e naturalismo”, de autoria de Marina Sena, o mesmo recorte do capítulo anterior é mantido, porém agora objetivando os autores comumente associados à tradição naturalista, como no caso de Júlio Ribeiro, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha e Aluísio Azevedo.

No sexto capítulo do volume, “Medo e Regionalismos”, o autor Hélder Brinate Castro divide nos seguintes tópicos sua análise: “A literatura regionalista”; “Regiões do Medo”; “A terra”; “O homem”; “O sobrenatural”. Essa divisão lhe permite analisar autores tão diversos quanto José de Alencar, Bernardo Guimarães, Euclides da Cunha, Rodolfo Teófilo, Coelho Neto, Franklin Távora e Monteiro Lobato. No capítulo seguinte, o percurso histórico avança: em “Horror sexual e ficção decadente”, de Daniel Augusto P. Silva, a paisagem finissecular ganha relevo a partir da ideia de prazeres malditos e figuras essenciais à compreensão do mal no século XIX, sobretudo por seu legado, como a obra de Sade. Na seara nacional, as obras de João do Rio, Júlia Lopes de Almeida e Raul de Polillo melhor exemplificam essa temática.

O volume se encerra com dois capítulos mais abertos do ponto de vista historiográficos e mais delimitados no concernente à temática. O primeiro deles, “A ficção de medo urbano”, assinado por Pedro Sasse, se debruça sobre a paisagem citadina para dar conta das novas babéis da modernidade, culminando na análise das paisagens malditas, soturnas e sufocantes das narrativas de João do Rio. Já o capítulo que encerra *Poéticas do Mal* é “Medo e monstruosidades”, de autoria de Luciano Cabral. Nele, o autor se dedica ao problema das criaturas monstruosas e suas diferentes representações nas tradições europeia e brasileira, em especial, na obra de Bernardo Guimarães.

Por todas as razões apresentadas, *Poéticas do Mal – A Literatura do Medo no Brasil (1840-1920)* é um livro essencial para estudiosos dos temas principais anunciados no título, como também àqueles interessados em ler outra versão da nossa historiografia tradicional.

Nele, autores e obras não muito comuns nos manuais tradicionais são trazidos e analisados, com especial destaque para obras de autoria feminina e também obras menos canônicas de autores já consolidados em nossa historiografia e crítica. A organização de um volume que reúne múltiplos autores sob um viés crítico muito bem delineado é digna de elogios.

Ficamos na expectativa de que os autores aqui contemplados nos ofereçam em breve uma continuação dessa obra, talvez estendendo seu recorte até o final do século XX ou início do XXI. Nossa crítica precisa de obras que não sejam apenas reuniões de artigos variados, e sim possuidoras de alinhavo argumentativo que exemplifique uma ciência não só da nossa teoria literária como também um esforço de registro da nossa memória e do nosso patrimônio. Entender o medo e o mal no Brasil, no recorte histórico aqui proposto, nos ajuda a pensar e a refletir sobre o medo e o mal no presente e seus efeitos sobre uma democracia tão recente e frágil quanto a nossa.